

BRASIL PINHEIRO MACHADO, REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DO HISTORIADOR

Luciana Cristina Pinto

Doutoranda em História, PPGH/UFSC

E-mail: lucristina22@gmail.com

Introdução

Quando se propõe reflexões sobre o trabalho do historiador, antes de mostrar as informações das fontes, é preciso lembrar que “como todos os historiadores, eu penso. Sem o quê, por quais razões teriam escolhido esse ofício?” (BLOCH, 2001, p.43). O objetivo deste texto é apresentar um caderno de anotações manuscritas que compõe a análise parcial das fontes da pesquisa de doutorado, em que investigo parte da vida profissional do historiador e político paranaense Brasil Pinheiro Machado (1907-1997), nascido em Ponta Grossa (PR), morreu em Curitiba (PR), filho de Maria Eugênia Guimarães Pinheiro Machado e Brasil Ribas Pinheiro Machado. Teve sete irmãos: Raul, Theodoro, Joaquim, Gastão, Odete, Lígia e Ismênia Pinheiro Machado (OLIVEIRA, 2002, p. 185).

Ele atuou como professor de História do Brasil por mais de trinta anos na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e, nesse ambiente acadêmico, orientou alunos. Na década de 1970, escreveu a mão, no Caderno 18, sobre temas relevantes para a investigação da história, como: *Orientação de Teses: apontamentos para o mesmo fim* (1970).

No ano de 1977, fez três registros com os títulos: *O meu curso de História do Brasil na pós-graduação*; *A persistência social na historiografia da nouvelle histoire*; e *Apontamento (História conceitual)*. Neles, refletiu sobre seu trabalho como orientador de mestrado na UFPR, sobre a historiografia francesa e também sobre a aplicação dos conceitos na História. A fonte analisada e todo o Acervo pessoal de Brasil Pinheiro Machado estão no Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH), sob a guarda do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR).

Foi através dos seus registros de leitor que comecei a investigar a vida profissional de Brasil Machado. Trabalhando no CDPH, a primeira atividade era a higienização dos cadernos manuscritos (são 24 no total), e quando comecei a limpeza li alguns trechos onde as primeiras palavras que me interessaram foram: “estou lendo”, “nouvelle histoire”, “*Annales*”, “Hegel”, “Herder”, “historiografia”. Assim, logo entendi a possibilidade de investigação dessas fontes com vestígios importantes para a história da palavra impressa, porque esse leitor registrou suas impressões de leituras. A atividade dos leitores do passado é um campo fecundo para investigações, porque se busca compreender a leitura, quais livros e autores eram acessados em determinada época e a possível rede de leitores que atuaram em seu tempo histórico. Nos mais variados locais do globo e nas diversas formas de ler, os leitores vão se adaptando aos formatos dos livros e reagindo aos conteúdos consumidos. Mesmo solitário, em

certos momentos o leitor e escritor (como Brasil Machado) estaria, em certo sentido, conectado com uma rede de potenciais leitores (seus pares, alunos, orientandos).

A leitura é uma das principais tarefas da profissão do historiador. Lemos por diferentes motivos, e alguns historiadores da palavra impressa, igualmente leitores, insistem no caminho para entender parte do trajeto percorrido por indivíduos do passado que se debruçaram diante de determinado autor, ou mesmo de uma obra, artigo, texto, panfleto. Mas a leitura “é um tema traiçoeiro, especialmente quando o pesquisador sai das questões a respeito de quem eram os leitores e o que liam e passa aos problemas de como eles compreendiam os livros” (DARNTON, 2010, p. 169). Afinal, “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado”, e assim as leituras são “compreendidas como práticas concretas e como procedimentos de interpretação” (CHARTIER, 1999, p. 11 e 12).

O trabalho do historiador

É possível encontrar informações do trabalho do professor paranaense em **Orientação de Teses: apontamentos para o mesmo fim (1970)**, em que faz uma reflexão sobre a sua atuação como orientador na Universidade Federal do Paraná (UFPR): “Desde algum tempo, todo o meu trabalho universitário está reduzido ao que se denomina “orientação de teses”. Teses para o mestrado de História” (MACHADO, 1970, p. 39).

O meu modo de orientar é o seguinte: o candidato propõe um tema ou problema para a sua pesquisa, organiza um projeto. Então eu discuto com ele, obrigando-o a falar e a se defender das minhas objeções. Quando sinto sua fraqueza em relação a certos assuntos, obrigo-o a fazer leituras suplementares e a discutir comigo o que leu. Outras vezes exijo que ele escreva “paper” sobre determinada parte de seu projeto.

É um mini-curso, verdadeiramente. (MACHADO, 1970, p. 39)

Brasil Machado, na sua experiência do tempo presente, escreveu sobre os temas de pesquisa, o que nos possibilita identificar os principais interesses de investigações e inferir sobre parte das demandas dos docentes para o direcionamento dos estudos (e leituras) no Programa do Mestrado em História da UFPR.

Pois bem, a temática do momento atual nos estudos sociais e históricos é (poderíamos assim denominar): os problemas da expansão do capitalismo no Brasil; a história e a análise da industrialização; a formação da sociedade de classe; a formação do proletariado no Brasil; a formação do empresariado brasileiro; o surgimento e a expansão das classes médias; a penetração do capitalismo no campo; o Estado moderno brasileiro; os movimentos sociais; os sindicatos e as organizações de classe; o poder político na transformação da sociedade civil; a cultura popular na fase da expansão capitalista; a marginalidade social; revisão da abordagem do estudo da escravidão; as estruturas demográficas em evolução; a educação na fase da transição da sociedade civil para a sociedade capitalista; o estudo histórico da criminalidade; estudo das empresas; o estudo do campesinato - etc. (MACHADO, 1970, p. 40,41)

Brasil Machado, em **O meu curso de História do Brasil na pós-graduação**, escreveu sobre a importância de pesquisas sobre a história nacional: “Em que circunstâncias históricas, as nações ocidentais criaram um campo novo na área da história - a história de sua nacionalidade?” (MACHADO, 1977, p.3). No que concerne à história da leitura, indicando um livro do filósofo e escritor alemão Johann Gottfried von Herder (1744-1803), escreveu:

A história nacional parece ser, pois, uma criação do Romantismo. (Ver “Ideias para a Filosofia da História da Humanidade”, de Herder, onde a ideia de povo está colocada no centro de toda a história possível). ”

Naturalmente, seria preciso clarificar o que o período romântico entendia por povo. Em Herder é, ao mesmo tempo, raça e cultura, pois ele afirma a existência de atributos inatos e atributos adquiridos, caracterizando um povo.

Para o pensamento que decorre dos fatos da Revolução Francesa, onde a palavra povo atinge o ápice de sua operacionalidade, como Hegel, o povo é uma entidade política reconhecível no Estado, de modo que o Estado é que é o elemento caracterizador da história nacional. A história nacional é a história da formação do Estado, da sua soberania e de sua decadência. (MACHADO, 1977, p. 5, 6. Grifos do autor)

Continuando o raciocínio sobre a história nacional, e nos dando exemplo sobre o trabalho dos historiadores, formulou uma problemática e apontou uma hipótese:

Noutras palavras: a história nacional é um espaço histórico. Não é uma história que se desenvolve dentro de um espaço, é o próprio espaço.

O que é que unifica esse espaço, dando-lhe o caráter de unidade, de todo, de totalidade? - Eis um problema.

Será somente a visão do historiador? Ou será mesmo uma realidade?

Por hipótese, é o historiador que constrói um espaço, de acordo com a ideologia de sua época. Depois, seleciona os fatos e os acontecimentos significativos para dar concretude a esse espaço construído. Para isso, procura distinguir os limites desse espaço. Nessa operação, o procedimento consiste em determinar outros espaços que se opõem ao espaço construído.

O plano mais profundo de uma história nacional é a oposição ou diferenciação de seu espaço histórico em relação a outros espaços históricos”. (MACHADO, 1977, p. 7, 8. Grifos do autor)

A historiografia francesa foi outro tema de estudos de Brasil Machado no título atribuído por ele: **A persistência social na historiografia da nouvelle histoire:**

Os teóricos da nouvelle histoire afirmam que a procura dos fatores da persistência social é mais importante para a atual historiografia do que a procura dos fatores da mudança social. Qual é essa persistência social? Seriam os traços fundamentais da “natureza humana”? Parece que isso é o que aqueles teóricos pretendem. Assim pode-se pensar, pois que aqueles historiadores se encaminham no sentido da antropologia estrutural de Lévi-Strauss. (MACHADO, 1977, s.p. grifos do autor)

É possível perceber, na escrita do historiador paranaense, o leitor em atividade para interpretar o trabalho dos historiadores franceses e das concepções da Nova História. Mesmo a Nouvelle Histoire sendo “difícil de definir de forma categórica” (BURKE, 2011, p. 10), ela representou uma reação contra o “paradigma” tradicional e, como apontou Brasil Machado, “aqueles historiadores se encaminham no sentido da antropologia estrutural do antropólogo francês. Peter Burke, em uma de suas definições, diz que “os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas» (BURKE, 2011, p. 10).

Na tentativa de explicar como os historiadores utilizam os conceitos como instrumento de trabalho em **Apontamento (História conceitual):**

A história tem uma “natureza” básica: é o acontecimento. Até agora não pude me convencer do contrário.

Esse nível do acontecimento é o nível concreto da ciência histórica. (...)

Para a análise do material do nível concreto da história, os “cientistas” criam um sistema de

conceitos. As análises históricas são feitas de acordo com conceitos, e não de acordo com a realidade.

No método histórico, pois, a pesquisa dos acontecimentos não é feita à luz do conceito do historiador. A segunda fase do método é a seleção dos acontecimentos segundo o sistema de conceitos do historiador. (MACHADO, 1977, s. p.)

Nesta anotação, Brasil Machado não escreveu sobre um teórico e/ou livro específico, mas teorizou sobre o formato de como fazer (o método) do ofício.

Os registros deste caderno revelam parte das inquietações e reflexões sobre o ofício do historiador, que compreende ler, escrever, preparar aulas, auxiliar alunos/orientandos e pensar o método do profissional que precisa de conceitos para suas análises.

Considerações finais

Pensando sobre o meu trabalho de historiadora, estou “dos dois lados do balcão” (SCHMIDT, 2008, p. 189). Ao longo dos últimos anos, venho apresentando trabalhos em eventos acadêmicos e uma das perguntas que me fazem frequentemente é sobre o fato de ser doutoranda em História na UFSC e técnica responsável no Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH) na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) no estado do Paraná, local que abriga minhas fontes de investigação.

É possível escrever um pouco sobre essa experiência, porque ela se torna importante diante das relações estabelecidas nesses ambientes de pesquisa. Por exemplo, é comum a convivência entre pesquisadores e funcionários/servidores de instituições públicas ou privadas durante o processo de pesquisa acadêmica em níveis de graduação e pós-graduação. Não é raro ver os nomes dos funcionários sendo citados nos agradecimentos ao final das respectivas jornadas.

Nas comunicações orais que participei, junto com as perguntas sobre minha atuação, vinham as sugestões de leituras e o incentivo de pessoas que até então nem conhecia, trocas generosas entre os historiadores com diferentes bagagens. Esses momentos invertem a cena do pesquisador solitário que acabamos nos tornando, e estimulam a conexão porque pensamos juntos, afinal, “todas as ciências são interessantes, mas todo cientista só encontra uma única cuja prática o diverte. Descobri-la para a ela se dedicar é propriamente o que se chama vocação” (Bloch, 2011, p. 43).

Fontes

MACHADO, Brasil Pinheiro. *Caderno 18 – (1970, 1977, 1978)*. Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa.

Referências bibliográficas

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados. V. 5 N. 11, 1991). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152> . Acesso em: 20-01-2019.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UNB, 1999.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

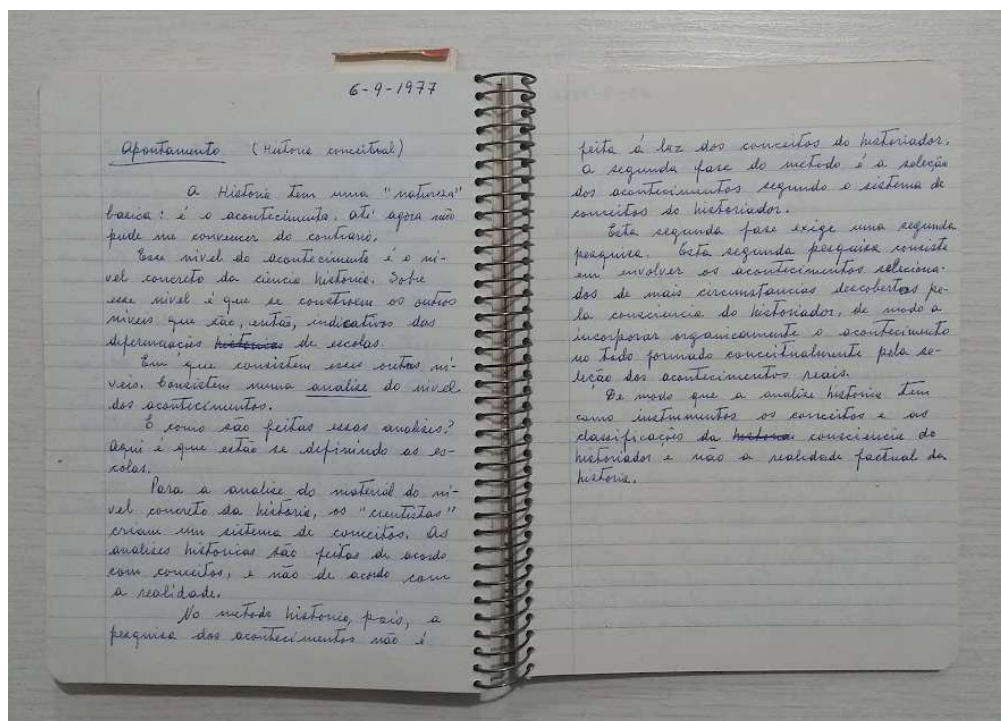
OLIVEIRA Joselfredo Cercal de. *Educadores ponta-grossenses: 1850-1950*. Ponta Grossa: UEPG, 2002.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Os historiadores e os acervos documentais e museológicos: novos espaços de atuação profissional*. In: Anos 90. Porto Alegre, UFRGS, 2008, v. 15, n. 28, p. 187-196.

Anexos



MACHADO, Brasil Pinheiro. **Caderno 18 (1970, 1977, 1978)**. Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. (Pinto, Luciana C., 2019).



MACHADO, Brasil Pinheiro. **Caderno 18 – Apontamento (História conceitual) 06/09/1977**. Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. (Pinto, Luciana C., 2019).

Tabela 1 – Títulos registrados por Brasil Pinheiro Machado.
Caderno 18 (Machado, 1970, 1977, 1978)

1. O meu curso de História do Brasil na pós-graduação - 1977. 19-5-1977	12. Notas para orientações
2. A modernização é uma ideologia. 21-9-1977	13. Nº 1. 13-6-1978
3. A Imigração e as Migrações. 28-11-1977 continuação do fim do caderno	14. Registros rápidos
4. Dentro do mesmo tema. 12-2-1978	15. Notas sem sentido. 7-4-1977
5. Orientação de Teses: apontamentos para o mesmo fim. 28-10-1970	16. O conhecimento e a técnica das coisas conhecidas. 8-5-1977
6. 30-10-1978	17. O “poder” do Estado. 12-5-1977
7. A “História da Inteligência Brasileira”. 18-10-1977	18. O referencial da história econômica moderna. 13-5-1977
8. Outra anotação:	19. A persistência social na historiografia da nouvelle histoire. 6-6-1977
9. O livro e o leitor	20. Apontamento (História conceitual). 6-9-1977
10. Membro de banca de concurso de magistério universitário. 1-2-1978	21. A imigração e as migrações. 13-9-1977
11. Continuação depois de uma longa pausa. 10-10-1978	22. 9-11-1977
	23. 21-11-1977

Gráfico elaborado pelo autor